



GENERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÃO DO/A DOCENTE

Kaciane Daniella de Almeida¹
Marlene Tamanini²
Nanci Stancki da Luz³

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa monográfica realizada no ano de 2009. Cujas temáticas estão inseridas nas relações de gênero e sexualidade no ambiente escolar, mais especificamente como essa questão está colocada para o professor/a envolvido/a nesse processo. A pesquisa foi de cunho qualitativo e tem como análise o relato de onze professores e professoras da rede pública de ensino.

A relevância da análise sob a ótica do/a docente deve-se ao fato de diversas situações no ambiente escolar estar direcionada a figura do educador/a, contudo buscou-se analisar o posicionamento desses/as quanto à inserção de temas presentes no ambiente escolar, mas não contemplados no currículo escolar, como as questões relativas às relações de gênero e sexualidade.

O fato de a pesquisa ter como foco os/as professores/as está relacionado a inúmeras atribuições que se destinam a esses/a profissionais e ao fato de estarem em contato mais “próximo” com os/as alunos/as no ambiente escolar assumindo por vezes papéis que vão além da sua especialização e adentram os campos afetivos, emocionais, psicológicos entre outros.

Outro ponto diz respeito à inserção de temas chamados transversais pelos documentos que direcionam a educação - PCN'S (parâmetros nacionais curriculares) E OCN'S (orientações nacionais curriculares) - que prevê a inserção de temas como: gênero, sexualidade, raça/etnia e meio ambiente em todas as disciplinas escolares, saber como os/as professores/as estão e se estão realizando essa determinação e quais os desafios para a concretização dessas, uma vez que observamos adiante que existem grandes reclamações, pelos professores/a, por falta de subsídio teórico disponibilizado por parte do órgão gestor e da estrutura pedagógica para a consolidação dos mesmos.

¹ Mestranda na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. kaci_daniella@yahoo.com.br

² Prof^a Dr^a na Universidade Federal do Paraná.

³ Prof^a Dr^a na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.



Educação e sexualidade desafio para todos/as

Pensar em educação nos leva a refletir sobre o seu conceito e como ela se apresenta em nossa sociedade? Por vezes partimos da idéia de que a educação deve ser pautada pela transmissão de regras e de valores de cunho geracional, tendo como primeira socializadora a família Durkheim⁴ nos descreve a educação como um conjunto de regras e valores que o ser humano exerce sobre o outro ser humano é a influencia das coisas pelos processos, pelos resultados, é diversa daquela que provêm dos próprios homens (DURKHEIM p.33). Essa afirmação nos remete a idéia de educação estagnada onde se valoriza a transmissão de conteúdos, os conhecimentos são introduzidos por outros indivíduos com mais experiência que estarão moldando o outro. O que é transmitido é algo que é socialmente aceito e a integração ou aceitação do individuo naquela sociedade depende do aprendizado.

Pensando dessa forma estamos entrando em uma série de conflitos que se fazem presentes no processo educacional, pois nos sugere que existem sujeitos perfeitos que recebem e reproduz tudo o que for passado a eles/as. Também pode pensar que hoje o nosso modelo de educação já não corresponde há somente a transmissão que Durkheim descreve no século XIX, contudo se analisarmos com cautela nosso atual modelo de educação nos leva ao modelo de reprodução e baseado em princípios de ordem em que se mantêm uma determinada estrutura social, que tem uma série de valores e pré-conceitos que impede a discussão e a inserção de novos temas no ambiente escolar, mesmo que os atores envolvidos no processo estejam inseridos nesses.

Paulo Freire⁵ chama tal educação de “educação bancária”, pois para ele ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar a possibilidade para a sua própria produção ou a sua construção. Indo contra o caráter tradicional do qual nosso modelo educacional se coloca estando além da reprodução e considerando aspectos, sociais, étnicos/raciais, de classe, gênero e sexualidade e também por determinação geográfica, os quais não vemos por vezes serem contemplado nas práticas escolares.

Corroborando com essa posição Pierre Bourdieu⁶ constata em suas pesquisas que a escola e a educação são um sistema de reprodução de desigualdade, que se faz tanto na ordem simbólica

⁴ DURKHEIM, Emile. Educação e sociologia. 11º edição. São Paulo: editora, ano 1978.

⁵ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários para à pratica educativa. 31º edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁶ NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE PIERRE BOURDIEU: LIMITES E CONTRIBUIÇÕES. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2009.



como material, sendo que as características particulares das pessoas são deixadas de lado e o que se faz é a não discussão desses aspectos o que homogeneiza os estudantes e classifica como mais inteligentes ou menos, sem considerar suas experiências. O fator classe é algo muito presente em Bourdieu e a escola é vista como reprodutora dessa desigualdade.

Na sua forma estrutural a escola abre pouco espaço para novas questões existe uma estrutura rígida a ser seguida, dificultando que os indivíduos se tornem atores no processo. os/as professores/as também estão permeados por uma concepção de educação que pode dificultar a inserção de questões ligadas a conhecimentos como: Gênero, sexualidade, violência, raça/etnia, meio ambiente.

Guacira Lopes Louro⁷ aponta que algumas atitudes presentes na escola distingue os sujeitos, separando-os inicialmente em quem pode ter acesso e quem não pode, internamente ela separa os sujeitos, hierarquiza e ordena. Segundo a autora escola ocidental moderna, tende a separa os adultos das crianças; católicos de protestantes; ricos de pobres; meninos de meninas, constituindo assim também uma relação dual, fortalecendo os opostos e perpetuando algumas das relações de poder já existente.

O processo de democratização do ensino teve que ser adequado às diferenças transformando a instituição, contudo precisamos estar cientes de como produz e reproduz desigualdades e que efeitos elas tem sobre os sujeitos. Pois o espaço escolar traz não somente a escolarização no sentido do conhecimento, mas “escolariza o corpo e a mente” (LOURO, 1997 p.56). Devemos perceber que as pessoas se agrupam de forma diferente e existe um conflito marcado por gestos e atitudes que os distinguem, onde posições de meninos se diferenciam das meninas, e isso às vezes aparece como parte da natureza, por exemplo: se diz que é da natureza dos meninos serem mais agitados, inquietos, gritar mais, correrem mais, e que as meninas seriam mais quietas prestariam mais atenção, seriam mais caprichosas, tranquilas. Entretanto deve-se levar em conta que tais questões perpassam as questões culturais e são socialmente construídas.

O espaço escolar é composto por indivíduos distintos com desejos, ações, anseios diferentes, mas não diz respeito apenas aos alunos/as que estão dentro dessas regras de normatização, e reprodução de um conhecimento produzido por homens brancos, heterossexuais e cristão, mas também os/as professores/as. Eles/as estão inseridos nesse contexto como reprodutores/as do

⁷ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis: Vozes, 1997.



conhecimento, mas como ela/e trabalha com as questões ligadas a sexualidade? Ela/ela deve trabalhar a diferença ou tratar todos com igualdade?

Ser Professores/as

Antes de relatar a percepção dos professores/as sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar vamos analisar como esses profissionais se vêem em suas profissões e como é para eles/as ser professor/a.

Os relatos nesse sentido foram positivos, pois muitos destacaram a importância de ser professor, mesmo que não tenham sonhado com essa carreira inicialmente, entretanto ao entrarem em contato com a docência se sentiram bem e não se viam exercendo outra atividade.

Os entrevistados destacam que a academia não está em contato com a realidade da sala de aula e ao saírem dela não estão bem preparados, são surpreendidos e precisam aprender como lidar com as situações e adaptar o conhecimento obtido na academia para a realidade dos alunos. Neste sentido, os docentes destacam que os cursos de formação de professores não correspondem às necessidades da escola.

“Tem varias fases a primeira foi o inicio onde ainda era estudante de letras você tem uma ideia diferente do que é ser professora, você é deslumbrada achando que com a teoria que você aprende é suficiente e quando chega na prática percebe que tem que aprender tudo novamente a dar encaminhamentos e trabalhar com situações que os conteúdos da faculdade não te ensina. Segunda tem a formatura empolgação achando que algo ainda vai melhorar depois de um certo tempo você cai na realidade. A maior alegria de um professor é ver o retorno do aluno sobre aquilo que você está tentando passar para eles”. “Hoje esta muito difícil porque eles não estão aqui para aprender estão porque são obrigados pelos pais. A maior realização de um professor é ter esse retorno do aluno, ver que entrou em uma universidade”. Silvia*

Embora a pesquisa realizada não tivesse o objetivo de analisar questões referentes à violência e presença de drogas na escola, o relato dos professores/as sobre tais questões foi alarmante. Existe um clima de tensão que permeia o ambiente escolar e nos relatos dos docentes parece que a qualquer instante pode estourar uma ‘bomba’. Dos/a professores/a entrevistados todos já haviam passado ou presenciado cenas de violência, e em muitos casos, tiveram que intervir. Alguns deles comentam que durante as aulas há processos de discriminação, piadinhas e formas de violência verbal, casos que podem ser configurados como *bullying*, exigindo a intervenção .

Uma relação de bastante conflito no ambiente escolar que tem sido estabelecida é entre a escola e família, sendo que a posição dos professores é unânime quanto a não participação dos pais

* Nos trechos de entrevistas os nomes são fictícios.



no cotidiano escolar vindo a intervir em situações extremas ou de desagrado como podemos perceber na seguinte fala:

“Aconteceu há uns cinco anos atrás, eu escolhi uns contos e crônicas para trabalhar, selecionei e deixei no xerox para os alunos fazerem copia, mas foi xerocados um conto errado, e o conto falava de sexo e de relações extraconjugais, sexo. E eu não tinha percebido só fui saber disso quando os pais vieram reclamar, brigar comigo que tinha mandado pros alunos um texto que falava de sexo, foi uma situação complicada porque eu não tinha selecionado aquele falando que era legal trabalhar esse aspecto, mostrar para os alunos em que situação estava à sexualidade hoje, a banalização do sexo e pura ai afora, eu sai pela tangente dessa forma. Vieram as escolas para reclamar do conteúdo do conto. A escola deixou na minha mão para eu resolver como na maioria das vezes acontece.” Silvia.

O debate sobre sexualidade ainda encontra grande resistências em diversos âmbitos, seja moral, religioso, social ou político. No sistema escolar essa questão ainda não se consolidou como algo a ser debatido e questionado, sendo ainda muito focalizada em prevenção das DST/Aids, e no uso de contraceptivos com intuito de prevenção da gravidez na adolescência e controle de natalidade, não havendo grandes preocupações com o prazer e o uso corpo como apontou Maria Garcia Castro, Miriam Abramovay e Lorena Bernadete da Silva⁸. A ausência dessas questões no currículo escolar tem refletido na desorientação dos adolescentes sobre essa questão, mas, sobretudo, na homofobia e nas cenas de violência que são observadas na escola cotidianamente.

Dos onze professores/as entrevistados cinco deles/as (quatro mulheres e um homem) dizem que trabalham com temas ligados à sexualidade. Uma era professora de ciências e relatou que tinha que trabalhar com esse assunto na sala de aula. Outras duas entrevistadas relataram que usam em suas disciplinas, a professora de artes com figuras de representação, recortes de jornal que acaba falando de padrão de beleza entre outras coisas. A professora de português insere textos sobre diferença sexual, e que envolve sexualidade e levanta questionamentos. Já a professora de química diz já ter trabalhado com um projeto sobre sexualidade no qual durante as aulas discutia o tema, havia grande participação dos alunos e boa aceitação do projeto, que acabou por questões de falta de tempo para conciliar os conteúdos específicos da disciplina e o tema sexualidade. O professor de sociologia relatou que aborda a temática quando trata da instituição família e dos movimentos sociais, no entanto, não avançava na questão.

Os/as docentes entrevistados/as que mostraram mais resistência em trabalhar com o tema foram; a professora de matemática e o professor de física. Ambos atribuíram a não abordagem da questão a falta de preparo e de domínio do assunto, relataram não se sentirem bem falando do tema em sala e indicavam profissionais capacitados para tal e redirecionavam a proposta da

⁸ CASTRO, Maria Garcia. ABRAMOVAY, Miriam. SILVA, Lorena Bernadete. JUVENTUDES e sexualidades. 2º edição. Brasília UNESCO, 2004.



transversalidade do tema, ainda que ambos reconhecessem que medidas de formação nessa área para os alunos são de fundamental importância.

O que se percebeu é que esses professores que não trabalham com o tema da sexualidade em sala de aula relatam que informalmente conversam com os alunos que vêm perguntar sobre namoro e relacionamentos e assim, mesmo não abordando o assunto como parte de sua grade de conteúdos, ele está presente na relação entre tais professor/a e seus/as aluno/a.

Considerações finais

Espero que os pontos levantados nesse trabalho possam servir como meio de comunicação sobre os problemas que se tem na escola com os professores/as para a abordagem de temas recentes, mas necessários para formação dos sujeitos. Como a escola tem um caráter dinâmico e abrangente de assuntos de diversas ordens, e diretamente ou indiretamente são incorporadas a ela sem ser devidamente planejado, e depois permanecem e não recebem mais atenção, intervenção, orientação, a não ser em casos extremos.

Percebe-se que em um primeiro contato com os professores existe o interesse em resolver esses conflitos, contudo não há espaço tanto físico, como pedagógico ou psicológico, para estar debatendo esse tema e contribuindo para a formação de alunos e alunas, professores e professoras e toda a comunidade escolar, para uma educação que possibilite o contato com o diferente e acima de tudo o respeito a essas diferenças.

Referências Bibliografia

CASTRO, Maria Garcia. ABRAMOVAY, Miriam. SILVA, Lorena Bernadete. *JUVENTUDES e sexualidades*. 2º edição. Brasília UNESCO, 2004.

DURKHEIM, Emile. *Educação e sociologia*. 11º edição. São Paulo: editora, ano 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para à pratica educativa*. 31º edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.150-172.



NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. *A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE PIERRE BOURDIEU: LIMITES E CONTRIBUIÇÕES*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2009.